





MÓDULO 5

PROFILING CRIMINAL EM AÇÃO

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA

Secretaria Nacional de Segurança Pública Diretoria de Ensino e Pesquisa Coordenação Geral de Ensino Núcleo Pedagógico Coordenação de Ensino a Distância

Reformulador

Francisco das Chagas Soares de Araújo

Revisão de Conteúdo

Rita de Cássia Oliveira da Silveira Juliana de Angels Carvalho Drachenberg

Revisão Pedagógica

Ardmon dos Santos Barbosa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA **labSEAD**

Comitê Gestor

Eleonora Milano Falcão Vieira Luciano Patrício Souza de Castro

Financeiro

Fernando Machado Wolf

Consultoria Técnica EaD

Giovana Schuelter

Coordenação de Produção

Francielli Schuelter

Coordenação de AVEA

Andreia Mara Fiala

Design Instrucional

Cíntia Costa Macedo Carine Biscaro Clarissa Venturieri Danrley Maurício Vieira Dirce de Rossi Garcia Rafaelli Marielly Agatha Machado

Design Gráfico

Sonia Trois Aline Lima Ramalho Sofia Zluhan de Amorim Victor Liborio Barbosa

Linguagem e Memória

Cleusa Iracema Pereira Raimundo Graziele Nack Victor Rocha Freire Silva

Programação

Jonas Batista Marco Aurélio Ludwig Moraes Renan Pinho Assi Salésio Eduardo Assi

Audiovisual

Rafael Poletto Dutra Luiz Felipe Moreira Silva Oliveira Rodrigo Humaita Witte







Todo o conteúdo do Curso Investigação do Crime de Estupro: Técnicas Operacionais, da Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), Ministério da Justiça e Segurança Pública do Governo Federal - 2020, está licenciado sob a Licença Pública Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional.

Para visualizar uma cópia desta licença, acesse:

 $https://creative commons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt_BR$

Sumário

Apresentação	5
Objetivos do módulo	5
Estrutura do módulo	5
AULA 1 – ANÁLISE PRÁTICA DA SITUAÇÃO CRIMINOSA: TRILHAS DO	O AUTOR DO CRIME DE
ESTUPRO	6
Contextualizando	6
Situação	6
Trilhas do autor do crime de estupro	8
AULA 2 – ANÁLISE COMPARATIVA DE CASOS	16
Elementos da análise comparativa de casos	17
Outras técnicas complementares	22
Referências	24

Apresentação

Neste módulo, você terá a oportunidade de exercitar a técnica *profiling* criminal na investigação do crime de estupro, combinando a prática e a teoria antes apresentadas.

Consideramos que a formação de um bom profissional da investigação compreende o desenvolvimento do raciocínio investigativo, junto com a associação dos estudos teóricos e práticos. Dessa forma, ao analisar um caso, o profissional terá mais capacidade de formular questões, levantar e testar hipóteses, apontar as evidências válidas de prova da autoria, assim como as circunstâncias do evento.

OBJETIVOS DO MÓDULO

Aplicar as competências desenvolvidas durante o curso relacionadas à técnica *profiling* criminal, assim como rever os temas estudados em relação ao momento da investigação do crime de estupro, analisar uma situação prática de um crime de estupro, bem como identificar os elementos consideráveis para avaliação do crime.

ESTRUTURA DO MÓDULO

- Aula 1 Análise Prática da Situação Criminosa: Trilhas do Autor do Crime de Estupro.
- Aula 2 Análise Comparativa de Casos.

Aula 1 – Análise Prática da Situação Criminosa: Trilhas do Autor do Crime de Estupro

CONTEXTUALIZANDO...

Para iniciar os estudos, é importante compreendermos a importância da análise prática da situação criminosa com a apresentação de uma situação que mostra as trilhas percorridas pelo autor do crime de estupro, pois é a partir dessa análise minuciosa que a investigação conseguirá chegar com segurança ao criminoso.

Essa análise requer a verificação do local do crime e de todos os vestígios encontrados, bem como indicativos da dinâmica do agressor, perícia da vítima e apuração da criminalidade na região, especialmente acerca de casos similares. A partir da análise, deverão ser extraídos elementos reveladores da autoria do crime.

SITUAÇÃO

O caso que apresentaremos a seguir será "pano de fundo" para seu estudo teórico e prático neste módulo. Assim, mostraremos uma série de detalhes que promovem reflexões sobre o tema e contribuem para a análise comportamental do agressor, considerando a trilha que ele percorreu para efetuar o crime, ou seja, o seu *modus operandi*, bem como se existe uma assinatura do criminoso e como ela se caracteriza.

A situação é baseada em um caso real e apresenta detalhes que possibilitem a realização da análise do crime e lhe permitam avaliar e elaborar um plano de investigação com o auxílio dos estudos realizados até o momento neste curso.

Vamos considerar uma situação hipotética para uma melhor compreensão:

Ao chegar na cena do crime, o investigador se depara com o cadáver de uma mulher seminua, com sinais de estupro e uma flor branca em sua mão. O corpo foi encontrado na porta do cemitério.

Figura 1: Estudo de caso do corpo encontrado examinado pela investigação. Fonte: Shutterstock (2019).



Existe nesse corpo sinais de mordidas nos mamilos, na vulva e evidência de sufocamento e vestígios de esperma na boca. O canal da vagina foi penetrado e dilacerado por um objeto perfurante e de grande dimensão.

Há sinais de que a vítima foi dominada e presa pelos punhos, com os braços para trás, e pelos tornozelos com uma fita adesiva larga e resistente e, também, sinais de que a mesma fita foi utilizada para vedar a boca da vítima.

Após a identificação do corpo, a investigação preliminar indicou que, no apartamento da vítima – um pequeno prédio comercial sem controle de acesso, onde morava sozinha –, não havia sinais de luta ou de rompimento de portas, nem manchas de sangue ou de esperma.

Logo, entende-se que as lesões foram provocadas depois da sua morte.

Constatou-se que a vítima tinha 25 anos de idade, trabalhava em um órgão público e nas noites de segunda e quarta-feira costumava frequentar uma academia de ginástica próxima de sua residência. Nos outros dias da semana, encontrava-se com colegas em bares na parte central da cidade onde ficam situados hotéis com grande movimento de turistas.

Há informações de que a vítima fazia parte de um grupo virtual de pessoas que compartilhavam o veículo pessoal para meio de locomoção na cidade.

Foi apurado, pela equipe investigativa, que este crime teve os mesmos padrões de outros quatro de igual natureza ocorridos nos últimos doze meses naquela região metropolitana e que todas as vítimas tinham faixa etária e rotinas de vida semelhantes. Essas informações foram obtidas por uma das vítimas que conseguiu fugir e prestar o depoimento para a polícia.

Considerando o caso que vimos anteriormente, vamos analisar os detalhes da **trilha do autor do crime**, com o propósito de compreender o conceito de *modus operandi* e assinatura do agressor, utilizando os pontos específicos apresentados no crime.

TRILHAS DO AUTOR DO CRIME DE ESTUPRO

Para que o propósito do estudo de caso seja alcançado, é preciso considerar algumas reflexões preliminares sobre temas relacionados ao comportamento do agressor. Por meio dessas reflexões será possível reforçar a dimensão conceitual do processo em estudo que veremos a seguir.

As ciências comportamentais que estudam e explicam as práticas criminosas, como o princípio da troca de Locard, demostram que os criminosos deixam sua assinatura retratada nas evidências que caracterizam os ambientes onde atacam suas vítimas.

Qualquer um, ou qualquer coisa, que entra em um local de crime leva consigo algo do local e deixa alguma coisa para trás quando parte.

Nesse sentido, Locard infere que qualquer pessoa que entra no local de crime deixa algum rastro de que esteve ali quando sai.

No caso de um criminoso é a mesma lógica. O agressor sempre deixa no local do crime algum vestígio e leva consigo outros tantos. E por meio deles o investigador poderá rastrear sua movimentação no ambiente da prática do crime.



Figura 2: A impressão digital é um exemplo de vestígio deixado pelo agressor no local. Fonte: Shutterstock (2019), adaptado por labSEAD-UFSC (2019).

Podemos exemplificar com o estudo de caso, em que o agressor deixou vestígios de sêmen na boca da vítima. Outro exemplo é a identificação de impressão digital do agressor nos objetos do local do crime ou na própria vítima.

Nos crimes de estupro, um dos pontos de extrema importância para a investigador é a motivação do crime.

A motivação tem grande relevância na construção do perfil do criminoso e esse processo motivacional é retratado na cena do crime de forma dinâmica, pois emerge do comportamento do infrator.

Por conta disso, a motivação é verificável a partir de vestígios comportamentais, bem como vestígios materiais encontrados no local do crime.

A análise da força que impulsiona a conduta criminal na cena do crime tem dois aspectos fundamentais: o *modus operandi* e a assinatura do agressor. A seguir, vamos conhecer de maneira mais detalhada cada aspecto.

Modus operandi

Conforme visto ao longo do curso, o mecanismo operacional da conduta criminosa envolve uma complexa dinâmica, afetada por fatores intrínsecos e extrínsecos à cena do crime, combinando elementos emocionais, culturais, ambientais e genéticos, decisivos na escolha comportamental do infrator.

Nesse sentido, o modus operandi é um processo que envolve todos os mecanismos comportamentais que possibilitam ao agressor ter sucesso na execução completa do evento criminoso.

Refere-se a um conjunto de documentos ou indícios variados, convergentes e concordantes, que comprovam a existência do crime.

A expressão latina *modus operandi* é desgastada no contexto investigativo, seja qual for o objeto, o que acaba por desviar o olhar do investigador do seu essencial valor na construção do **maço probatório** do crime. Esse conceito não pode se limitar à tradução literal da expressão compreendida apenas como "modo de fazer", pois diz respeito ao comportamento que garante sucesso na prática do crime.

Konvalina-Simas (2014) demonstra que foi identificado na Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional de **Palermo** (2000) que o conceito de *modus operandi* faz alusão à mecânica do crime e envolve três fases ordenadas de maneira cronológica. Vamos identificar essas fases na figura a seguir.

Figura 3: Mecânica do crime segundo Konvalina-Simas (2014). Fonte: labSEAD-UFSC (2019).



Vejamos que, ao desenvolver o plano de ação para a prática do delito, o agressor adota cuidados voltados para sua proteção, mas, essencialmente, garante a prática de sua conduta pretendida, ou seja, o crime. Nesse sentido, considerando as características peculiares do crime de estupro, é possível avaliar que todas essas fases são facilmente identificáveis nos casos investigados.

Na situação prática vista no caso de estudo anterior, podemos exemplificar essa afirmação relacionando a maneira que o agressor protegeu sua identidade e como escapou da cena do crime, onde podemos identificar sua assinatura em alguns aspectos deixados.

No entanto, segundo os estudos de Konvalina-Simas (2014), não há constância no processo do modus operandi dos crimes de estupro.

Esse contexto é, então, "reativo a influências", tendo em vista as inúmeras variáveis que podem contribuir para sua variação e suas modificações. É um procedimento comportamental, que está sujeito a processos que a autora chama de desvios individuais e flutuações aleatórias, sendo eles:



REAÇÕES DAS VÍTIMAS

CONDIÇÕES FÍSICAS DO LOCAL DO CRIME





Figura 4: Aspectos de desvios individuais e flutuações aleatórias. Fonte: labSEAD-UFSC (2019).



Identificando esses fatores, podemos entender que eles podem variar de acordo com pessoas e circunstâncias.

Exemplificando, é possível que uma vítima resista e tente fugir da tentativa do crime, gerando luta corporal, ferimentos e até sua morte, enquanto outras vítimas rendem-se à grave ameaça. Ou, ainda, podemos considerar uma situação em que o agressor aborde a vítima em uma área movimentada ou isolada.

Assim, podemos entender que todas essas particularidades no crime de estupro tornam o *modus operandi* inconstante, já que os fatores podem variar com as condições espaciais ou temporais, mudanças na seleção das vítimas e do ambiente, na tática ou na técnica de execução do crime.

Estudos demonstram que, a cada crime executado, o agressor promove uma evolução criminosa no seu *modus operandi*, como uma consequência "natural" do amadurecimento e da experiência desenvolvida ao longo das suas práticas delituosas. **Dessa forma, o investigador precisa saber que o agressor também poderá mudar e desenvolver outras fantasias relacionadas à sua prática delituosa**.

A assinatura do agressor

Outra característica importante do comportamento do infrator na cena do crime é o que chamamos de assinatura do agressor. Ao contrário do que ocorre com o *modus operandi*, a assinatura é constante, entretanto poderá evoluir e tornar-se mais evidente e específica em alguns aspectos.

Segundo Geberth (2006), a assinatura é o comportamento que excede as ações necessárias ao crime. A assinatura atua como um ritual que se baseia na fantasia do criminoso e representa a expressão de singularidade e pessoalidade do agressor.



Figura 5: Assinatura do criminoso no corpo da vítima. Fonte: labSEAD-UFSC (2019).

Podemos representar esse aspecto da assinatura do criminoso com o caso de estudo visto no início deste módulo, em que podemos identificar a assinatura do agressor pela mordida encontrada na vulva e nos mamilos da vítima.

Outro exemplo seria o caso em que o estuprador sempre retira a calcinha da vítima e obriga que ela use uma outra de determinada cor e modelo que ele traz consigo. Essa prática pode ser entendida por um desejo que o agressor teve após visualizar a calcinha de sua professora na adolescência. Assim sendo, o sentimento de satisfação a esse desejo é saciado.

Diante disso, podemos compreender que tanto o *modus* operandi quanto a assinatura do criminoso oferecem ao investigador elementos de leitura investigatória que poderão levá-lo à associação de eventos criminosos com características semelhantes.

Tais características podem indicar tanto a motivação como as estratégias utilizadas, ou ainda os passos que evidenciam **características comportamentais** de possíveis suspeitos da autoria desse crime específico.

Ao estudar casos concretos com o método de investigação de estupros, a melhor técnica a ser aplicada é a análise comparativa, quando as informações do *modus operandi* e da assinatura do agressor serão de extrema importância, conforme veremos na aula seguinte.

Aula 2 – Análise Comparativa de Casos

Não há dúvida de que o estudo da técnica *profiling* criminal, apresentado neste módulo, indica que sua aplicação se torna mais eficiente e eficaz na investigação de casos de crimes da mesma natureza, praticados mais de uma vez e com características semelhantes que justifiquem uma análise comparativa entre elas.

A análise comparativa de casos é "o processo desenvolvido na investigação criminal, pelo qual se estabelece **quais os crimes que fazem parte de uma série**." (KONVALINA-SIMAS, 2014, p. 240).

A mesma autora referencia três métodos básicos utilizados pelo investigador criminal para fazer a associação de crimes na busca da identificação dos autores. São eles:

Vestígios físicos (materiais) – é a forma mais segura de associar os crimes, entretanto nem sempre estão facilmente visíveis.

Descrição do infrator – é o método mais comum, no entanto é necessária a existência de uma testemunha confiável.

Comportamento na cena do crime – exige a comparação de semelhanças entre crimes associados e crimes não associados. Da análise comparativa dos crimes associados devem resultar mais semelhanças do que diferenças. Já no caso dos crimes não associados, ao contrário, a comparação resulta em mais diferenças do que semelhanças.

As comparações de elementos geralmente são realizadas com base em três fatores, como já vimos neste curso: proximidade, espaço temporal entre os crimes, *modus operandi* comparável e presença de comportamento de assinatura.

ELEMENTOS DA ANÁLISE COMPARATIVA DE CASOS

A análise comparativa de casos criminais deve considerar os comportamentos semelhantes, os comportamentos diferentes, o elo investigativo e o elo probatório como elementos de avaliação. Vamos conferir os detalhes de cada um desses elementos a seguir.

Comportamentos semelhantes

São considerados comportamentos em comum aqueles revelados pela comparação de fatores comportamentais que apresentam origens e contextos semelhantes, mas não, necessariamente, únicos.

Estudo de Caso

Dois casos de estupros praticados em dias seguidos, por volta das 19 horas, em que as vítimas eram mulheres jovens, aconteceu quando percorriam o caminho entre o local de trabalho e o ponto de ônibus, geralmente pouco movimentado. O agressor fez uso de um revólver calibre 38 e fez a vítima entrar em um matagal à margem do caminho.

Sem dúvida, há semelhança comportamental nos dois casos no que diz respeito à hora do dia, ao tipo de vítima, às medidas de precaução e ao tipo de arma utilizada. Apesar de se tratar de um padrão criminal específico, é comum nas áreas urbanas.



Figura 6: Mulher caminhando numa rua vazia ao anoitecer. Fonte: labSEAD-UFSC (2019).

Essa análise comparativa entre crimes contribuirá para que você, investigador, possa associar os eventos com o objetivo de facilitar a identificação do criminoso por meio de evidências, também semelhantes, encontradas.

Diferimento comportamental

O diferimento comportamental ocorre quando fatores comportamentais são comparados e diferem.

Estudo de Caso

Dois casos de estupro. Em um, o agressor fez uso de uma faca e obrigou a vítima a ter conjunção carnal com ele. No outro, o agressor fez uso de uma arma de fogo e obrigou a vítima a permitir que ele a masturbasse (outro ato libidinoso). Nos dois casos, há um diferimento comportamental de fundamental importância evidenciado pelo **tipo de arma utilizada para efetivar o constrangimento** (com grave ameaça) e pelo *modus operandi*.

A diferença comportamental não pode ser considerada evidência absoluta de que os crimes não foram praticados pelo mesmo infrator. Apenas significa que não podem ser relacionados somente por fatores comportamentais. A equipe deve analisar também outros fatores, como os vestígios encontrados (evidências materiais).

Esse diferimento impede o relacionamento de um caso com o outro, baseado apenas no comportamento, ainda que todos os outros fatores comportamentais fossem idênticos.

Elos investigativos

Trata-se de fatores comportamentais generalizados, mas que apresentam semelhanças quando comparados com um ou mais casos, e contribuem para a equipe de investigação priorizar recursos.

Estudo de Caso

Dois casos de vítimas de estupro seguido de morte. As duas foram violentadas nas suas respectivas residências, do mesmo modo, no mesmo bairro, ao longo de um ano.

Diante de casos como esses, a equipe **deve investir na busca de outras ligações possíveis entre os dois casos**, fazendo uma análise vitimológica detalhada e criteriosa, bem como do *modus operandi*, da assinatura e das provas materiais.



Figura 7: Mulher violentada na própria residência. Fonte: labSEAD-UFSC (2019).

Qualquer uma dessas análises (vitimológica, modus operandi, da assinatura e das provas materiais) poderá evidenciar ou refutar ligações entre as duas ocorrências. Na falta de outras informações, a equipe deve lembrar que "um elo investigativo não é suficiente para sugerir uma semelhança de comportamento e menos ainda um elo probatório" (KONVALINA-SIMAS, 2014, p. 214).

Elo probatório

Esse tipo de elo é evidenciado por um fator comportamental único e específico, ou por um conjunto de fatores comportamentais incomuns e raros, partilhados por dois ou mais casos, com outras diferenças comportamentais limitadas.

Essa ligação é suficientemente única para sustentar a conclusão de que, nas ocorrências analisadas, existe a probabilidade de que tenham sido praticadas pelo mesmo infrator.

Estudo de Caso

Ocorreram cinco casos de estupro seguidos de morte, tendo como vítimas mulheres jovens entre 20 e 25 anos de idade.

Todas foram abordadas nos estacionamentos de faculdades, entre 21 e 23 horas, violentadas e mortas em ambientes diferentes, e o agressor sempre ejaculava no rosto da vítima e arrancava seu dedo médio direito após o homicídio. Os eventos ocorreram sempre nas sextas-feiras da última semana do mês e em cinco meses seguidos.

Veja que há elementos comportamentais específicos partilhados em todos os casos, que são a **amputação do dedo médio** e **ejaculação no rosto da vítima**, bem como o **dia escolhido para a prática criminosa**. Observe que são comportamentos únicos em todos os casos.

Cada um desses elementos deve ser rigorosamente e exaustivamente analisado, discutido e registrado em um relatório de análise comparativa de casos.

Analisar e interpretar informações encontradas na cena do crime de estupro permite que a equipe de investigação compreenda a dinâmica do evento criminoso e, a partir daí, formule hipóteses quanto aos elementos de consolidação da motivação do infrator.

O profiling criminal, apresentado em detalhes neste curso, é uma técnica complementar às demais técnicas da investigação criminal e, para aplicá-la, as organizações de segurança pública precisarão promover a mudança de cultura, a quebra de paradigmas, bem como a desconstrução de estereótipos e, principalmente, o investimento em capacitação e novas tecnologias.

OUTRAS TÉCNICAS COMPLEMENTARES

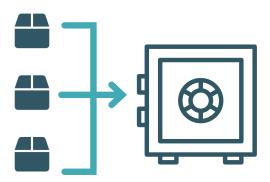
Há, ainda, outros elementos a serem considerados na análise comparativa de casos feita pela equipe de investigação, como o fato de que eventos criminosos ocorridos temporal e espacialmente próximos uns dos outros têm maior probabilidade de associação entre si.



Figura 8: Crimes ocorridos temporal e espacialmente próximos entre si. Fonte: Freepik (2019), de evening_tao, adaptado por labSEAD-UFSC (2019).

Os vestígios materiais e comportamentais precisam ser devidamente preservados e cuidados, visto que fatores diversos poderão alterar seus *status* na cena do crime: a manipulação voluntária de evidências probatórias feitas pelo agressor é um exemplo de um fator diverso que deve ser considerado durante a investigação. Trata-se de um procedimento importante para a compreensão do *modus operandi* e da assinatura.

Figura 9: Cuidados e preservação com os vestígios materiais e comportamentais. Fonte: labSEAD-UFSC (2019).



É importante compreender que a análise do local do crime não é o mesmo que a reconstrução do crime e a caracterização do crime. A análise do local é a etapa de interpretação feita na fase da investigação criminal, depois das etapas da coleta das evidências materiais, da reconstrução e da caracterização do crime.

Entretanto, o êxito desses procedimentos dependerá do cumprimento das regras básicas da investigação criminal, como a identificação, delimitação e preservação da cena do crime. Tudo isso potencializado pelo princípio do imediatismo.

Referências

GEBERTH, V. J. **Practical Homicide Investigation:** Tactics, Procedures, and Forensic Techniques. 4 ed. Boca Raton: CRC Press, 2006.

KONVALINA-SIMAS, Tânia. *Profiling* criminal: introdução à análise comportamental no contexto investigativo. Cascais: Reis dos Livros, 2014.

MENDES, B. S. A. *Profiling* criminal: técnica auxiliar de investigação criminal. 2014. Dissertação (Mestrado em Medicina Legal) – Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, Porto, 2014. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/143403239.pdf. Acesso em: 24 jan. de 2018.

SHUTTERSTOCK. [S.I.], 2019. Disponível em: https://www.shutterstock.com/pt/. Acesso em: 12 dez. 2019.

SILVA, João Apolônio da. **Análise criminal**: teoria e prática. Salvador: Artpoesia, 2015.

SUMARIVA, Paulo. **Criminologia, teoria e prática**. Niterói: Impetus, 2015.

TURVEY, BRENT E. **Criminal Profiling: an introduction to behavioral Science alalysis**. Boston, MA: Elsevier Academic Press, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Laboratório da Secretaria de Educação a Distância (labSEAD-UFSC). Florianópolis, 2019. Disponível em: http://lab.sead.ufsc.br/. Acesso em: 12 dez. 2019.

ZBINDEN, Karl. **Criminalística**: investigação criminal. Lisboa: [s.n], 1957.